

Trânsito e ansiedade: Estudo longitudinal com candidatos à obtenção da carteira nacional de habilitação no sul do Brasil

Traffic and anxiety: Longitudinal study with driving license candidates in the south of Brazil

Leonardo Régis de Paula

Mestre; Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.
leonardoreggis@gmail.com

Claudia Hofheinz Giacomoni

Doutora; Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil. giacomonich@gmail.com

Resumo

Recentemente, a Psicologia do Trânsito esteve interessada em estudar a obtenção da Carteira Nacional de Habilitação (CNH). A ansiedade é um dos fatores que também vêm sendo objeto de pesquisa e estudo nos contextos de avaliações e provas deste processo. O objetivo deste estudo foi investigar a influência da ansiedade nas aprovações e não aprovações do processo de obtenção à CNH na cidade de Porto Alegre, Brasil. Uma amostra de 189 candidatos à primeira habilitação da CNH com idades entre 18 e 66 anos de idade ($M = 27,25$; $DP = 10,45$, 48,1% do sexo feminino) responderam a um questionário sociodemográfico e o Inventário de Ansiedade de Beck (BAI). Os resultados sugerem que os níveis de escolaridade não influenciam a aprovação, no que diz respeito às provas teóricas. Na prova prática, metade da amostra conseguiu ser aprovada na primeira tentativa e os demais candidatos variaram entre duas e cinco tentativas para aprovação.

Palavras-chave: trânsito; ansiedade; motoristas.

Abstract

Recently, Traffic Psychology has been interested in studying the process for obtaining drivers' license. Anxiety has also been one of the objects of research and study in the context of evaluations and tests of this process. This study aimed to investigate the influence of anxiety on the approvals and not approvals of the process for drivers' license in Porto Alegre city, Brazil. A sample of 189 first driving license applicants, from 18 to 66 years old ($M=27.25$; $SD=10.45$, 48.1% female), answered socio-demographic questions and the Beck Anxiety Inventory (BAI). The results suggest that the levels of schooling do not influence the approval, as far as the theoretical tests are concerned. In the practical test, half of the sample was approved on the first try and the remaining candidates varied between two and five attempts for approval.

Keywords: traffic; anxiety; drivers.

Introdução

Rozestraten (1988) define a Psicologia do Trânsito como uma área que investiga, através de métodos científicos válidos, comportamentos humanos no trânsito, assim como fatores e processos internos e externos, conscientes e inconscientes, que os provocam ou os alteram. Este campo por muito tempo esteve bastante focado na Avaliação Psicológica no Trânsito (anteriormente chamada de exame “psicotécnico”, até 1998) que foi uma das atividades pioneiras dos(as) psicólogos(as) naquela época. Este quadro começa a se alterar no decorrer do crescimento e da popularização de veículos nas pequenas e grandes metrópoles, quando surgem dados expressivos de acidentes de trânsito e de mortes causadas pelos mesmos (Antipoff, 1956;

Lagonegro, 2008). Logo, a Psicologia do Trânsito se depara com uma demanda de intervenções e conhecimentos nesta área. Assim, foram produzidos estudos científicos nacionais e internacionais sobre a prevenção de acidentes e comportamentos de riscos neste contexto. Contudo, o campo científico ainda está buscando respostas para antigos e novos fenômenos. O estudo da ansiedade no trânsito é um dos temas que vêm ganhando espaço.

No último século, os níveis de ansiedade vêm aumentando na população brasileira (Andreatini, Lacerda, & Zorzetto Filho, 2001). Do ponto de vista psicológico, a ansiedade pode ser compreendida de forma diferenciada quanto a forma na qual se apresenta: ansiedade como estado e como traço (Cataneo, Carvalho, & Galindo, 2005). A ansiedade como estado pode ser entendida por uma disposição emocional que não é permanente ao sujeito. Refere-se a uma inquietação que pode ter respostas fisiológicas como hiperatividade, sentimentos desagradáveis de tensão, apreensão, agitação e movimentos precipitados. Essas manifestações podem ter caráter passageiro e variar de níveis imperceptíveis até níveis extremamente elevados conforme a situação. Por sua vez, ansiedade como traço se refere a uma disposição pessoal relativamente estável, menos suscetível a mudanças. Indivíduos com esse traço respondem com ansiedade a situações estressantes e há uma tendência a perceber um maior número de situações como ameaçadoras.

May (1980) conceitua o termo ansiedade como uma relação de impotência, conflito existente entre a pessoa e o ambiente ameaçador e os processos neurofisiológicos decorrentes dessa relação. O mesmo autor afirma ainda que a ansiedade constitui a experiência subjetiva do organismo numa condição catastrófica, que surge à medida que o indivíduo se vê frente a uma situação. Desta forma, não pode fazer face às exigências de seu meio, e sente uma ameaça à sua existência ou aos valores que considera essenciais.

Segundo Karino e Laros (2014), existe um número significativo de pesquisas que demonstraram que indivíduos reagem a situações de avaliação por meio de reações fisiológicas e pensamentos irrelevantes que resultam em um desempenho baixo. No contexto brasileiro, pesquisas (D'Avila & Soares, 2003; Rodrigues & Pelisoli, 2008) demonstram ser comum durante provas, testes e avaliações: dificuldade de concentração, inquietação, dores de cabeça, dores musculares, tonturas, além de muitos candidatos apresentarem níveis de ansiedade, estresse, medo, insegurança e aflição.

A ansiedade tem sido foco de diversas pesquisas, inclusive no campo da Psicologia do Trânsito. Em uma revisão da literatura, encontramos quatro estudos que investigaram a

ansiedade no processo de obtenção da habilitação de motorista. Dois estudos brasileiros exploraram especificamente o processo de obtenção da Carteira Nacional de Habilitação (CNH) (Araújo, Borloti, & Haydu, 2016; Raad, Cardozo, Nascimento, & Alves, 2008). Os demais estudos são internacionais, sendo um do continente europeu (Fairclough, Tattersall, & Houston, 2006) e outro da Oceania (Taylor, Deane, & Podd, 2007).

Fairclough et al., (2006) investigou a relação da ansiedade com o desempenho em provas práticas de direção. O estudo avaliou a ansiedade antes das sessões de exposição por meio do registro dos comportamentos verbais dos participantes, pelo instrumento *State-Trait Anxiety Inventory*, e por meio da frequência cardíaca. Os resultados apontaram que a ansiedade aumentou conforme os participantes eram expostos às situações de avaliação. Os participantes que reprovaram no teste oficial apresentaram taxas cardíacas mais altas e relataram maiores níveis de ansiedade do que aqueles que foram aprovados. Taylor et al., (2007) investigou, através de dois grupos (grupo experimental e grupo controle), o nível de ansiedade a medida em que os participantes foram submetidos a uma avaliação prática de direção. O grupo experimental foi constituído a partir de participantes que relataram sentir medo em uma escala de zero (sem medo) a 10 (com medo extremo). O estudo também utilizou o *Test Anxiety Inventory* (TAI) para mensurar a ansiedade dos participantes. Os resultados encontrados demonstraram que o grupo experimental apresentou maior número de erros na prova prática do que o controle, porém os erros dos dois grupos eram similares. Raad et al., (2008) investigaram a relação que a ansiedade poderia ter com os pleiteantes à CNH. Os resultados apontaram que na prova teórica os resultados estavam mais associados com escolaridade do que com a ansiedade. Entretanto, na prova prática, pode-se perceber que a ansiedade esteve mais relacionada com a aprovação ou não, e quanto maior o nível de ansiedade, maiores foram as reprovações. Por fim, Araújo et al., (2016) buscaram compreender teoricamente intervenções terapêuticas em casos de ansiedade em provas e avaliações em um estudo de caso com uma paciente na abordagem terapêutica comportamental. A paciente buscou a intervenção após ter tentativas sem sucesso na obtenção da licença para dirigir. O estudo utilizou a metodologia qualitativa. Os autores concluíram que o processo terapêutico foi eficaz na ansiedade da paciente auxiliando no processo de obtenção da CNH.

No Brasil, para realizar o processo de obtenção à CNH, é preciso saber ler e escrever; possuir documento de identidade; ser penalmente imputável (exigência que o candidato tenha 18 anos completos) e possuir Cadastro de Pessoas Físicas (CPF). O candidato também é submetido

a uma avaliação psicológica e exame de aptidão física e mental. Uma vez que o candidato comprovar ser apto a ter uma CNH, terá acesso às aulas teórico-técnicas, práticas e aos exames que habilitam o candidato. Os exames de habilitação se dividem em teóricos e práticos. O exame teórico pode ser por meio impresso ou eletrônico. No exame prático existem cinco categorias de habilitação: categoria A (veículo motorizado de duas ou três rodas); categoria B (automóveis de quatro rodas); Categorias C (caminhão), D (micro-ônibus, ônibus) e E (ônibus articulados, biarticulados). Para além das categorias, todos os candidatos têm o prazo de exatamente um ano para concluir o processo, tempo do qual limita o número de tentativas tanto para provas práticas como provas teóricas (Ministério da Infraestrutura, 2020).

Em relação aos índices de aprovação no estado do Rio Grande do Sul, segundo o Departamento de Trânsito do Rio Grande do Sul (DETRAN-RS, 2017), em 2015, das 461.964 provas práticas realizadas na categoria B, somente 32,04% conseguiram ser aprovados. Em 2016, na mesma categoria 385.365 realizaram a prova prática foram realizadas e somente 31,91% foram aprovados. Nas provas teóricas, o índice de aprovação é maior: das 163.223 provas teóricas impressas, 72,35% obtiveram aprovação e das 113.712 provas teóricas eletronicamente, 85,98% foram aprovados em 2015. Em 2016, os índices se mantiveram: das 140.869 provas teóricas impressas, 76,70% foram aprovados e das 105.451 provas teóricas eletronicamente, 88,51% obtiveram aprovação. O número de reprovações é alarmante nas provas práticas. Pode-se concluir que de cada 10 provas práticas, somente três provas são concluídas com sucesso.

Desta forma, o presente estudo se propôs a investigar o construto da ansiedade no contexto de obtenção da CNH, acompanhando os candidatos durante todo o seu processo, no período de um ano, na cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Fez-se necessário um estudo longitudinal que se aproxime do desenvolvimento do candidato à CNH, atento às nuances que este processo possa ter. O acompanhamento dos candidatos à obtenção da CNH se deu por meio das atualizações do histórico de cada participante no banco de dados do DETRAN-RS. Neste banco, constavam todas as informações dos candidatos desde o início do processo até o fim do mesmo.

Método

Delineamento

Trata-se de um estudo longitudinal.

Participantes

Participaram deste estudo 189 candidatos que estavam na sua primeira tentativa de obtenção da CNH, com idades entre 18 e 66 anos ($M = 27,25$; $DP = 10,45$), residentes da cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. Desses, 98 candidatos eram do sexo masculino (51,9%). 21,2% da amostra era composta por jovens adultos de 18 anos. A escolaridade variou entre pessoas de ensino fundamental incompleto (9,6%) a ensino superior completo (32,3%). A amostra foi composta majoritariamente por pessoas solteiras (68,3%).

Instrumentos

Na pesquisa, utilizou-se um questionário sociodemográfico, com o objetivo de conhecer os variados perfis dos candidatos à obtenção da CNH. Neste questionário, eram solicitadas aos participantes informações sobre sua idade, situação conjugal, escolaridade e dados pessoais.

O Inventário de Ansiedade de Beck-BAI (Cunha, 2001) foi utilizado com o objetivo de avaliar níveis de ansiedade. O teste é composto por 21 itens que apresentam informações descritivas dos sintomas de ansiedade. Esses devem ser avaliados pelos indivíduos em referência a si mesmo em razão da gravidade e frequência de cada item numa escala de 0 a 3 pontos. O escore total permite a classificação em níveis de intensidade de ansiedade. A classificação recomendada é nível mínimo para escores de 0 a 7; leve, para escores de 8 a 15; moderado, de 16 a 25; e grave, para escores de 26 a 63.

Procedimentos

O projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa CAAE: 44458415.4.0000.5334. Os participantes foram esclarecidos sobre o objetivo da pesquisa e o caráter voluntário de sua participação. A anuência foi formalizada mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

A escolha dos cinco Centros de Formação de Condutores (CFC) participantes da pesquisa foi por conveniência. Foram selecionados CFCs no entorno da universidade e contatado através de contato telefônico os convidando para participar da pesquisa. Desta forma, a coleta de dados foi realizada nas dependências dos estabelecimentos, após a assinatura do termo de concordância institucional. Os candidatos eram convidados a participarem da aplicação do teste psicológico e do questionário sociodemográfico, imediatamente após a aula teórica. As aplicações eram

realizadas coletivamente. O tempo para completar os instrumentos era relativamente curto, menos de 10 minutos para a maioria dos participantes. A aplicação foi feita por alunos de Iniciação Científica da graduação do curso de Psicologia da UFRGS. O acompanhamento dos candidatos à obtenção da CNH se deu por meio das atualizações do histórico de cada participante no banco de dados do DETRAN-RS. Neste banco, constavam todas as informações dos candidatos desde o início do processo até o fim do mesmo. Este processo de coleta de dados durou dois anos acompanhando todos os candidatos até o fim do vínculo com o CFC durante as etapas e tentativas de obtenção da CNH.

Resultados e discussão

Os resultados foram divididos em duas sessões: Prova Teórica e Prova Prática. A discussão com a literatura foi realizada conjuntamente com os resultados.

Prova teórica

Dos 189 participantes, sete reprovaram na primeira tentativa de prova teórica, sendo que seis deles foram aprovados na segunda tentativa e um na terceira. Dos seis participantes que fizeram a prova teórica duas vezes, três pessoas já haviam concluído o ensino médio, duas delas tinham ensino médio incompleto e uma tinha ensino superior incompleto. O participante que obteve aprovação após três tentativas, tinha ensino superior incompleto. Ou seja, a escolaridade não foi um fator para que os candidatos fossem reprovados na prova teórica. No estudo de Raad et al. (2008), a escolaridade esteve mais relacionada com as reprovações do que a ansiedade nas provas teóricas. No entanto, os autores pontuam que a amostra dos reprovados era pequena e desproporcional em comparação aos aprovados, sendo errôneo generalizar que a escolaridade foi causadora de possíveis aprovações ou não em provas teóricas da CNH. Este estudo tem como inspiração metodológica, assim como apresentação de dados e discussão, a pesquisa de Raad et al., (2008). A pesquisa se baseou nas indicações de estudos futuros desta pesquisa para acompanhar de forma longitudinal os candidatos à obtenção da CNH.

Analisando os resultados do Inventário de Ansiedade de Beck, das pessoas que tiveram que realizar uma nova avaliação, somente um dos participantes demonstrou nível grave de ansiedade, sendo este o que realizou a prova duas vezes. Já o participante que realizou a prova três vezes possuiu classificação mínima de ansiedade. Neste sentido, o resultado sugere que a reprovação pode não estar diretamente ligada com a ansiedade.

Nesta etapa teórica, os candidatos do sexo masculino obtiveram maior repetência. De um total de seis candidatos que realizaram a prova duas vezes, cinco eram homens. Entretanto, a pessoa que repetiu três vezes a prova teórica era do sexo feminino. Ao final do período de um ano, todos os 189 participantes da pesquisa foram aprovados na prova teórica, independentemente do número de tentativas.

Prova prática

Na avaliação prática, os candidatos variaram de uma a cinco tentativas na realização da prova, como podemos visualizar na Tabela 1.

Tabela 1 - *Aprovação na Prova Prática*

Variáveis		Aprovações na Prova Prática						
		Evadidos	1 tentativa	2 tentativas	3 tentativas	4 tentativas	5 tentativas	Total
Sexo	Masculino	2 (2,1%)	59 (60,2%)	28 (28,5%)	8 (8,1%)	1 (1,1%)	0 (0%)	98 (51,9%)
	Feminino	0 (0%)	50 (54,9%)	27 (29,6%)	12 (13,1%)	1 (1,2%)	1 (1,2%)	91 (48,1%)
Total		2 (1,1%)	109 (57,7%)	55 (29,1%)	20 (10,6%)	2 (1,1%)	1 (0,5%)	189 (100%)
Escolaridade	Não informado	0 (0%)	0 (0%)	1 (100%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (0,5%)
	Até ensino Fundamental I	0 (0%)	11 (61,1%)	7 (38,9%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	18 (9,6%)
	Ensino médio completo	1 (1,6%)	30 (49,2%)	23 (37,7%)	7 (11,5%)	0 (0%)	0 (0%)	61 (32,3%)
	Ensino médio incompleto	0 (0%)	12 (63,1%)	5 (26,3%)	1 (5,3%)	0 (0%)	1 (5,3%)	19 (10,1%)
	Ensino superior completo	0 (0%)	17 (70,8%)	4 (16,6%)	2 (8,4%)	1 (4,2%)	0 (0%)	24 (12,7%)
	Ensino superior incompleto	1 (1,5%)	39 (59,1%)	15 (22,7%)	10 (15,2%)	1 (1,5%)	0 (0%)	66 (34,9%)
Total		2 (1,1%)	109 (57,7%)	55 (29,1%)	20 (10,6%)	2 (1,1%)	1 (0,5%)	189 (100%)
Situação Conjugal	Casado ou vive junto	0 (0%)	29 (61,7%)	13 (27,6%)	5 (10,7%)	0 (0%)	0 (0%)	47 (24,9%)
	Solteiro	2 (1,6%)	71 (55,0%)	38 (29,4%)	15 (11,6%)	2 (1,6%)	1 (0,8%)	129 (68,3%)
	Viúvo	0 (0%)	0 (0%)	2 (100%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	2 (1,1%)
	Separado ou divorciado	0 (0%)	9 (81,8%)	2 (18,2%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	11 (5,8%)

Total		2 (1,1%)	109 (57,7%)	55 (29,1%)	20 (10,6%)	2 (1,1%)	1 (0,5%)	189 (100%)
Níveis de Ansiedade	Mínimo	2 (1,3%)	94 (59,1%)	45 (28,3%)	15 (9,4%)	2 (1,3%)	1 (0,6%)	159 (84,1%)
	Leve	0 (0%)	9 (64,3%)	3 (21,4%)	2 (14,3%)	0 (0%)	0 (0%)	14 (7,4%)
	Moderado	0 (0%)	4 (40,0%)	4 (40,0%)	2 (20,0%)	0 (0%)	0 (0%)	10 (5,3%)
	Grave	0 (0%)	2 (33,3%)	3 (50,0%)	1 (16,7%)	0 (0%)	0 (0%)	6 (3,2%)
Total		2 (1,1%)	109 (57,7%)	55 (29,1%)	20 (10,6%)	2 (1,1%)	1 (0,5%)	189 (100%)

Os resultados também apontaram duas desistências. Dois candidatos do sexo masculino evadiram após a aprovação da avaliação teórica. A evasão dos candidatos é comum durante o processo. Segundo conversas informais com professores e avaliadores do CFC, geralmente, elas acontecem depois da realização das provas práticas seguida de uma reprovação. Neste caso, as desistências dos dois participantes da pesquisa aconteceram antes de qualquer tentativa na etapa de avaliação prática. Ou seja, o participante realizou o pagamento de todas as aulas práticas, inclusive da prova prática, porém não as realizou. Também não sabemos se o candidato desistiu durante as aulas práticas ou se somente evadiu do processo mediante a avaliação prática. O acompanhamento dos candidatos foi realizado através das atualizações no sistema do DETRAN-RS, o que impossibilitou um caráter qualitativo das desistências.

Ainda sobre as desistências no processo de obtenção da CNH, não foram encontrados estudos na literatura que tivessem realizado o acompanhamento das desistências elencando os seus motivos. Entretanto, ao procurarmos por esses estudos, encontramos um trabalho completo (Coelho, Dantas, Souza, Cardoso & Coutinho, 2013) nos anais do 19º Congresso Brasileiro de Transporte e Trânsito que apresentou o projeto que oportunizava atendimentos psicológicos para os candidatos por meio de uma psicoterapia breve e focal, em virtude dos fatores emocionais estarem interligados com a conduta do candidato levando à reprovação na prova prática de direção veicular. O trabalho não abordou resultados, pois estava em andamento. Contudo, sugeriu que estudos e pesquisas nesta área sejam fomentados e intensificados para uma melhor compreensão acerca das emoções e ansiedade presentes durante a obtenção da CNH.

A maioria dos candidatos realizou a prova uma única vez, totalizando 57,7% dos participantes, 109 candidatos. Dentre esses participantes, 95 candidatos foram aprovados e 14 reprovados. Os participantes que realizaram duas vezes a prova prática representam 29,1% da amostra, 55 participantes (28 do sexo masculino e 27 feminino). No total, foram 42 aprovados na segunda tentativa. Os candidatos que realizaram três provas totalizaram 10,6%, sendo oito do

sexo masculino e doze do sexo feminino. A aprovação foi de 15 pessoas. Por fim, dois candidatos realizaram quatro tentativas, um de cada sexo. Ambos reprovaram em todas as tentativas e finalizaram o processo sem êxito. Entretanto, a única participante que realizou cinco tentativas finalizou com sucesso.

Referente ao número de tentativas, pode se considerar que, no contexto brasileiro, o processo de obtenção de uma habilitação tem um custo financeiro muito alto quando comparado com outros países americanos, que têm um processo de obtenção da licença para conduzir veículos mais simplificado e valores mais acessíveis para a sua população. Desta forma, em alguns casos, os candidatos acabam evadindo após a primeira ou segunda tentativa de prova teórica por não ter condições de realizar mais aulas ou até mesmo outra prova. Além disso, outras variáveis podem estar influenciando uma possível reprovação, como por exemplo, o tempo vigente para obtenção da CNH. Todos os candidatos têm o período de um ano para concluir todas as etapas e encerrar o processo. Entretanto, observamos que os candidatos tinham dificuldades em marcar provas práticas após sua primeira tentativa devido ao grande número de demandas que o CFC tinha para as provas desta fase. Desta forma, alguns candidatos ficavam cerca de duas a cinco semanas aguardando para realizar outra tentativa.

No que concerne à escolaridade, os resultados apontaram nível alto de escolaridade entre os participantes. A coleta de dados se deu em regiões centrais da cidade, em CFCs próximos aos campi da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Por consequência, a amostra teve escores altos na escolaridade. 58,6% dos participantes tinham idades entre 18 e 25 anos. Os resultados destes candidatos foram em sua maioria satisfatórios: dos 66 participantes do ensino superior incompleto, 56 foram aprovados na prova teórica, nove reprovaram e um evadiu. Esses dados foram similares ao dos participantes do ensino médio completo: dos 61 (32,3%) candidatos, 55 foram aprovados na prova prática, oito reprovaram e um evadiu. Os participantes que tinham até o ensino fundamental completo, totalizavam 9,6%. Na prova prática, treze aprovaram e cinco reprovaram. Ou seja, mais de um terço dos participantes foram reprovados e não concluíram com sucesso o processo de obtenção da CNH. Sobretudo, mesmo que a amostra de participantes com o ensino até o fundamental completo tenha sido pequena, os resultados apontaram que a baixa escolaridade foi significativa na diferença entre aprovação e reprovação etapa de avaliação prática.

Quanto à situação conjugal dos participantes, 68,3% dos participantes reportaram ser solteiros. Dos 129 representantes desta categoria, 71 participantes realizaram somente uma

prova, 38 realizaram duas provas, quinze participantes três provas, dois quatro provas, somente um cinco provas e dois participantes evadiram. Contudo, 107 candidatos solteiros passaram na prova prática, sendo eles 57 do sexo masculino e 50 do sexo feminino. Já as pessoas que tem um companheiro ou uma companheira, sendo eles casados ou que apenas vivem juntos, totalizam 47 (24,9%) candidatos. Nesta categoria, 29 participantes realizaram uma prova, 13 participantes duas provas e cinco participantes três provas. Destes candidatos 36 aprovaram na prova prática, sendo eles 18 do sexo masculino e 18 do sexo feminino. Entretanto, dos 11 que reprovaram cinco eram do sexo masculino e seis do sexo feminino. Os candidatos que se classificaram como separados ou que estão divorciados somam um total de 11 pessoas. Destes, nove participantes realizaram uma prova e dois participantes duas provas, resultando em nove aprovados (seis do sexo feminino). Por fim, duas pessoas se classificaram como viúvos, e realizaram duas vezes a prova prática, sendo um do sexo masculino, aprovado na prova prática, e outra participante do sexo feminino, que foi reprovada.

No estudo de Almeida et al., (2005) as relações de gênero, sobretudo os estereótipos que as mulheres sofrem em relação ao trânsito, foram problematizadas através de uma pesquisa que buscou ouvir homens e mulheres acerca do tema. Os autores concluíram no seu estudo que os papéis culturais influíram na percepção que o/a motorista possui de si mesma/o e a respeito da pessoa do outro sexo. Também se observou diferença marcante de gênero na maneira como as pessoas encaram as relações no trânsito. Contudo, a nossa pesquisa não teve indícios significativos de superioridade entre sexo feminino e masculino no que se refere à ansiedade e aprovações na obtenção da CNH.

No que tange à ansiedade, os resultados apontaram que 91,5% dos participantes tiveram ansiedade mínima ou leve. Na categoria de ansiedade mínima são 159 participantes, sendo 87 do sexo masculino e 72 do sexo feminino. Dentre estes candidatos, 133 aprovaram na prova prática, 24 reprovaram e dois candidatos evadiram no período da avaliação prática. De acordo com Tavares e Cortes (2013), os candidatos experienciam a ansiedade e o estresse nestes momentos, considerados prejudiciais à sua desenvoltura e concentração, o que podem ocasionar a reprovação. Em relação aos aprovados, os resultados apontaram que 13 participantes correspondiam à categoria até ensino fundamental em escolaridade; 46 ensino médio completo; 12 ensino médio incompleto; 16 ensino superior completo; 46 ensino superior incompleto. Já em relação aos 24 participantes que reprovaram, um dos candidatos não informou a escolaridade; quatro participantes correspondiam a categoria até ensino fundamental em escolaridade; seis

ensino médio completo; três ensino médio incompleto; quatro ensino superior completo; seis ensino superior incompleto. Os participantes de ansiedade leve totalizaram 14, sendo 10 do sexo feminino. Dentre o total de participantes de nível leve, nove foram aprovados na prova prática e cinco reprovaram. Dentre os participantes aprovados, dois participantes correspondiam à categoria de ensino médio completo; um ensino médio incompleto; dois ensino superior completo; quatro ensino superior incompleto. Embora os reprovados, um participante correspondia à categoria até ensino fundamental em escolaridade; um ensino médio completo; um ensino superior completo; dois ensino superior incompleto.

O número de candidatos com ansiedade moderada foi de 10 participantes, totalizando 5,3% da amostra. Dentre estes candidatos, quatro são do sexo masculino e seis do sexo feminino. Em relação à escolaridade dos participantes que foram aprovados, que totalizam oito participantes, quatro são do ensino médio completo, um do ensino superior completo e três do ensino superior incompleto. Aos reprovados, os dois candidatos representavam o ensino médio incompleto.

Por fim, os participantes que foram classificados com ansiedade grave totalizaram seis pessoas, ou seja, 3,2% da amostra. Dentre estes candidatos, três são do sexo masculino e três do sexo feminino. No que se refere à escolaridade dos participantes que foram aprovados, três candidatos (dois do sexo masculino) eram do ensino superior incompleto. Entretanto, em relação a dos candidatos que reprovaram, três candidatos (dois do sexo feminino), um participante correspondia a categoria ensino médio completo, um ensino médio incompleto e um ensino superior incompleto.

Referente ao número de tentativas, os seis participantes classificados como ansiedade grave tiveram no máximo três tentativas na avaliação prática. Os participantes que realizaram somente uma tentativa na prova prática, que totalizavam dois candidatos, foram aprovados. No entanto, dos três participantes que realizaram duas tentativas, apenas um candidato foi aprovado. Já o participante que realizou três tentativas não conseguiu ser aprovado na prova prática. De acordo com Seirafé (2014), todas as pessoas que sonham com a sua CNH e não a conquistaram ainda, após exames já realizados, apresentam dificuldades que podem estar ligadas à ansiedade. Podemos entender que essas situações de reprovações podem interferir em suas questões emocionais, sobretudo nas suas crenças a respeito de si mesmo, causando ansiedade.

A ansiedade pode apresentar papel de influência no desempenho da prova prática do participante. Rosa & Souza (2016) afirmam que os candidatos, mesmo aptos para a realização da

prova, sofrem com a ansiedade no momento em que estão sendo avaliados, desestabilizando seu estado emocional e, conseqüentemente, prejudicando o desempenho. Os sintomas de ansiedade envolvem excitação biológica e/ou manifestações autonômicas e musculares, como por exemplo, taquicardia, hiperventilação, sensações de sufocamento, sudorese, dores e tremores. Sobretudo, o contexto avaliativo por si só já tem um caráter ansiogênico nos sujeitos. Para o ansioso severo o contexto se torna ainda mais ameaçador, manifestando os sintomas com maior intensidade que poderá resultar em um desempenho não positivo.

Para os participantes de nível mínimo de ansiedade, 94 tiveram uma tentativa, resultando no número de 85 aprovados na prova prática. Em duas tentativas, 35 aprovaram do total de 45 candidatos. Aos candidatos que tiveram três tentativas, 12 aprovaram do total de 15 candidatos. Entretanto, dos dois candidatos que realizaram a prova prática quatro vezes, nenhum dos candidatos conseguiram a aprovação, embora o único candidato que realizou cinco tentativas classificado com nível mínimo de ansiedade tenha sido aprovado.

Considerações finais

Esse estudo foi proposto com o objetivo de verificar se os níveis de ansiedade dos candidatos à obtenção da CNH eram determinantes na aprovação ou não aprovação nas etapas do processo. Neste processo, os candidatos passaram por duas etapas, teórica e prática, em que eles provam ao Estado que estão aptos a dirigir veículos da categoria em que propuseram a fazer. As questões ligadas ao gênero, escolaridade, idade e situação conjugal dos participantes também foram observadas durante o processo. Os resultados das provas teóricas demonstraram que os níveis de escolaridade não influenciam na aprovação ou não aprovação. Do total de sete participantes que reprovaram na primeira prova teórica, apenas dois tinham escolaridade baixa (ensino médio incompleto). Entretanto, é válido ressaltar que o estudo foi realizado em zonas centrais e muito próximas a zonas universitárias, o que pode ter enviesado os resultados para alta escolaridade. Quanto à ansiedade dos participantes nesta etapa, dos participantes que tiveram que realizar uma nova avaliação, somente um demonstrou nível grave de ansiedade, sendo que o mesmo realizou a prova duas vezes. Já o participante que realizou a prova três vezes esteve na classificação mínima de ansiedade.

Os resultados da pesquisa demonstram que metade da amostra, 95 participantes, conseguiu ser aprovada na sua primeira tentativa da prova prática. Já os candidatos que variaram em duas até cinco tentativas na prova prática totalizaram 58 participantes. Ao mesmo tempo, os

candidatos que não obtiveram aprovações até o período de um ano totalizaram 34 participantes. Dentre estes participantes, 17 eram do sexo masculino e 17 do sexo feminino. Não houve diferença nas reprovações entre homens e mulheres. No que se refere à escolaridade, seis participantes correspondiam a categoria até ensino fundamental completo; oito ensino médio completo; seis ensino médio incompleto; cinco ensino superior completo; nove ensino superior incompleto.

A partir dos escores de ansiedade, os resultados apontaram que 91,5% dos participantes, tiveram ansiedade de nível mínima ou leve, 5,3% ansiedade moderada e 3,2% ansiedade grave. Referente à escolaridade dos participantes dos níveis de ansiedade mínima, leve, moderada e grave, os resultados demonstraram que a baixa escolaridade não foi determinante nas reprovações. Quanto ao número de tentativas dos participantes em provas práticas, os participantes classificados com ansiedade grave tiveram no máximo três tentativas. A amostra de pessoas com ansiedade grave era pequena, totalizam seis candidatos à obtenção da CNH, sendo que metade da amostra não conseguiu encerrar o processo de obtenção com sucesso. Outro aspecto de destaque é que um dos casos apresentados com ansiedade grave realizou três tentativas sem aprovação. Afinal, a ansiedade influencia ou não a obtenção da CNH? Essa é uma questão que o nosso estudo não conseguiu responder devido às limitações do mesmo. Apesar de o estudo ter avançado em algumas questões ainda não encontradas na literatura, como o caráter longitudinal, acompanhando todo o processo de obtenção da CNH, ainda existem algumas lacunas que não nos permitem elaborar uma resposta para nossa principal questão.

Isso sugere que novos estudos devem ser realizados com uma maior amostra de participantes com níveis de ansiedade elevados, pois as reprovações podem estar relacionadas a isso. Além disso, devem ser investigados qualitativamente os motivos que levam os candidatos a desistirem das avaliações práticas. Neste sentido, por exemplo, seria importante uma entrevista com os candidatos após o encerramento do processo para uma melhor compreensão no que se refere a ansiedade.

Em relação às limitações deste estudo, destaca-se o fato da coleta de dados concentrar-se em CFCs centrais da cidade de Porto Alegre. Nestes ambientes, o fluxo de participantes com poder aquisitivo alto e de universitários foi predominante. Sugere-se realização de estudos a nível nacional com amostras heterogêneas. Estes estudos são raros na nossa literatura, e deveriam ser replicados em outras localidades brasileiras.

A seleção dos campos de coleta da amostra foi por conveniência. Dessa forma, em função do tamanho e da representatividade amostral, os resultados não podem ser generalizados para outras realidades sociodemográficas. Sugerem-se novos estudos longitudinais investigando a ansiedade no contexto de obtenção da Carteira Nacional de Habilitação em regiões distintas do Brasil, assim como estudos que tenham como foco os candidatos que tiveram altos índices de ansiedade.

Referências

- Almeida, N. D. V., Lima, A. K. B., Albuquerque, C. M., & Antunes, L. (2005). As relações de gênero e as percepções dos/das motoristas no âmbito do sistema de trânsito. *Psicologia: ciência e profissão*, 25(2), 172-185. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pcp/v25n2/v25n2a02.pdf>
- Andreatini, R., Boerngen-Lacerda, R., & Zorzetto Filho, D. (2001). Tratamento farmacológico do transtorno de ansiedade generalizada: perspectivas futuras. *Brazilian Journal of Psychiatry*, 23(4), 233-242. Doi: 10.1590/S1516-44462001000400011
- Antipoff, D. (1956). Contribuição ao estudo das diferenças individuais no teste de atenção difusa. *Arquivos Brasileiros de Psicotécnica*, 8(2), 49-60. Recuperado de <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/abpt/article/view/13739>
- Araújo, A. H., Borloti, E., & Haydu, V. B. (2016). Ansiedade em Provas: um Estudo na Obtenção da Licença para Dirigir. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 36(1), 34-47. Doi: 10.1590/1982-3703000592014
- Cataneo, C., Carvalho, A. M. P., & Galindo, E. M. C. (2005). Obesidade e aspectos psicológicos: maturidade emocional, auto-conceito, locus de controle e ansiedade. *Psicologia: Reflexão e crítica*, 18(1), 39-46. Doi: 10.1590/S0102-79722005000100006
- Coelho, A. V. R., Dantas, F. M. M., Sousa, G. C., Cardoso, M. S., & Coutinho, V. B. S. (2013, outubro). Atendimento psicológico ao candidato reprovado em prova de direção veicular. In: *Anais do 19º Congresso Brasileiro de Transporte e Trânsito*, Brasília, DF. Recuperado de http://files-server.antp.org.br/_5dotSystem/download/dcmDocument/2013/10/07/971204B7-6B3D-463F-86F9-7FE9A0BC14FA.pdf
- Cunha, J. A. (2001). *Manual da versão em português das Escalas Beck*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

- D'Avila, G. T., & Soares, D. H. P. (2003). Vestibular: fatores geradores de ansiedade na “cena da prova”. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 4(1-2), 105-116. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbop/v4n1-2/v4n1-2a10.pdf>
- Departamento Estadual De Trânsito do Rio Grande do Sul. (2017, 13 de dezembro). Índice De Aprovação Das Provas De Direção Veicular Aplicadas Pelo Detran/Rs. Recuperado de: <http://www.detran.rs.gov.br/conteudo/27445/indices-de-aprovacao-das-provas-de-habilitacao>
- Fairclough, S. H., Tattersall, A. J., & Houston, K. (2006). Anxiety and performance in the British Driving Test. *Traffic Psychology and Behaviour*, 9(1), 43-52. Doi: 10.1016/j.trf.2005.08.004
- Karino, C. A., & Laros, J. A. (2014). Ansiedade em situações de prova: evidências de validade de duas escalas. *Psico-USF*, 19(1), p. 23-36. Doi: 10.1590/S1413-82712014000100004
- Lagonegro, M. A. (2008). A ideologia rodoviarista no Brasil. *Ciência & Ambiente*, 37, 39-50. Recuperado de: <http://w3.ufsm.br/reciam/sumario.php?IDEdicao=45#>
- May, R. (1980). *O significado da ansiedade*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Raad, A. J., Cardozo, A. M., Nascimento, M. A., & Alves, G. L. (2008). A ansiedade no processo para obtenção da Carteira Nacional de Habilitação. *Psic: Revista da Vetor Editora*, 9(2), 245-249. Recuperado de: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psic/v9n2/v9n2a13.pdf>
- Resolução N° 789, de 18 de junho de 2020. Brasília, DF: Ministério da Infraestrutura. Recuperado de: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/resolucao-n-789-de-18-de-junho-de-2020-263185648>
- Rodrigues, D. G., & Pelisoli, C. (2008). Ansiedade em vestibulandos: um estudo exploratório. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 35(5), 171-177. Recuperado de: <http://www.scielo.br/pdf/rpc/v35n5/a01v35n5.pdf>
- Rosa, J. F., & Souza, A. (2016). Psicologia do Trânsito: Uma Intervenção Psicológica com Candidatos à Obtenção da Carteira Nacional de Habilitação. In: Orlandi, E. L. P. (Eds.), 4º Seminário Integrado de Monografias, Dissertações e Teses (SIMDT): textos completos (pp. 168-187). Pouso Alegre, Minas Gerais. Recuperado de: https://www.academia.edu/33354133/Eni_Puccinelli_Orlandi_et_al_organizadores
- Rozestraten, R. J. A. (1988). *Psicologia do trânsito: conceitos e processos básicos*. São Paulo: EPU/EDUSP.
- Seirafe, M. V. L. (2014). *A Ansiedade na Avaliação Psicológica da Primeira Habilitação* (Monografia de Especialização). Universidade Paulista, Maceió, AL, Brasil. Recuperado de:

http://www.netrantransito.com.br/arq_download/Monografia%20de%20Melissa%20VAZ%20%20FINAL%20%20ABRIL.pdf

Silva, M. A., Alves, I. C. B., & Rosa, H. R. (2015). Avaliação psicológica no contexto do trânsito: revisão de literatura do período de 2006 a 2015. *Boletim de Psicologia*, 65(143), 157-174. Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432015000200005

Tavares, F. M. S., & Cortes, G. L. (2013, junho). Projeto de Atendimento Psicológico aos candidatos à obtenção da CNH, In: II Simpósio de Extensão, Cultura e Assuntos Estudantis, Universidade Estadual de Goiás. Recuperado de: <https://docplayer.com.br/24833179-Projeto-de-atendimento-psicologico-aos-candidatos-a-obtencao-da-cnh-coordenador-da-acao-de-extensao-fernanda-maria-siqueira-tavares-introducao.html>

Taylor, J. E., Deane, F. P., & Podd, J. V. (2007). Driving fear and driving skills: comparison between fearful and control samples using standardized on-road assessment. *Behaviour Research and Therapy*, 45(4), 805-818. Doi: 10.1016/j.brat.2006.07.007

Recebido em: maio de 2021

Publicado em: dezembro de 2021